

As interjeições como Atos Expressivos: uma análise das variedades lusófonas à luz da Gramática Discursivo-Funcional

Michel Gustavo Fontes*

Resumo: Tomando a definição de atos expressivos proposta em Hengeveld & Mackenzie (2008) como atos que expressam um sentimento do falante sem necessariamente transmitir algum conteúdo informacional ao destinatário, pretende-se caracterizar tais atos nas variedades do português falado no Brasil, em Portugal, nos países africanos de língua portuguesa oficial e no Timor Leste. Segundo os princípios da Gramática Discursivo-Funcional, a ilocução de um ato expressivo teria como núcleo interjeições e locuções interjetivas. Desta forma, objetiva-se descrever o comportamento e o funcionamento dos atos expressivos no português falado, centrando-se em seus significados (sentimentos) e suas posições no Move.

Palavras-chave: Descrição funcional do português falado; Atos expressivos; Relações de equipolência e de dependência.

Abstract: Taking the definition of expressive acts given by Hengeveld & Mackenzie (2008) as acts that “give direct expression to the Speaker’s feelings rather than communicating some content to the Addressee” (p. 63), it is intended to characterize these type of acts in the Portuguese varieties spoken in Brazil, Portugal, in African countries that have Portuguese as official language and in East Timor. According to the principles of Functional Discourse Grammar, the slot of the expressive act’s illocution has as head interjections and related expressions. It’s aimed to describe the behavior and the functioning of expressive acts in spoken Portuguese, centering in their meanings and positions in the Move.

Keywords: Functional description of spoken Portuguese; Expressive acts; Equipollent and dependent relations.

01. Introdução

Este trabalho se insere dentro do campo da linguística descritiva por procurar observar a língua em uso e, portanto, parte de uma perspectiva funcional da linguagem com o intuito de mostrar como o uso, o funcionamento e as características de determinados elementos linguísticos estão alinhados a determinações de ordem mais elevada (como a semântica e a pragmática) do que, somente, aos componentes de ordem morfosintática e/ou fonológica. Nosso foco, dessa forma, recairá em demonstrar como o fenômeno linguístico abordado é mobilizado pelo Usuário de Língua Natural (ULN),

* Mestrando junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), UNESP de São José do Rio Preto. Desenvolve, atualmente, sob financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Proc. 2009/11676-0) e sob orientação da Profa. Dra. Eroltilde Goreti Pezatti, o projeto “As interrogativas de conteúdo na história do português brasileiro: uma abordagem discursivo-funcional”.

conforme concebido em Dik (1997a), ou pelo Falante na construção dos sentidos de sua produção linguística dentro da interação verbal. No caso deste trabalho, conforme se mostrará ao longo de seu desenvolvimento, a expressão do objeto de estudo aqui adotado, ou seja, dos atos expressivos (que provêm da classe de interjeições da língua) é governada por “mecanismos” e princípios de ordem pragmática.

A língua, neste trabalho, é concebida como um instrumento de comunicação e interação verbal, sendo esta compreendida como uma atividade cooperativa, por envolver a participação de, no mínimo, dois indivíduos (o falante (doravante F)) e o destinatário (doravante D)), e estruturada em torno de regras, normas e convenções. Tal visão impõe que o fenômeno a ser abordado, no caso os atos expressivos ou as interjeições, seja visto enquanto elemento do uso da linguagem, isto é, enquanto requisito pragmático da linguagem.

Por conseguinte, como ficou claro na exposição acima desenvolvida, o objeto de estudo deste artigo são, seguindo a denominação tradicional (cf. CUNHA & CINTRA, 2005), as interjeições, que, do ponto de vista da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), cujos princípios teórico-metodológicos sustentam a análise desenvolvida, configuram *atos expressivos*.

Muitos trabalhos procuram problematizar a descrição da interjeição enquanto classe de palavra ou o estatuto da interjeição dentro de um quadro gramatical. A intenção deste trabalho não é a de integrar esse quadro de discussões, apesar de trazer considerações que podem contribuir com o campo. A verdadeira intenção deste estudo é a de observar (i) o estatuto da interjeição, ou do ato expressivo, enquanto um requisito pragmático da interação verbal e, a partir disso, caracterizar (ii) os diferentes significados, ou sentimentos, transmitidos pelos atos expressivos e (iii) os diferentes tipos de relações a partir das quais tal categoria estrutura sua ordenação para formar um segmento discursivo dotado de um uso comunicativo, isto é, nos termos da GDF, formar a maior unidade da interação relevante para a análise gramatical, o *Move*.

Para tanto, tomam-se como universo de pesquisa ocorrências reais de uso extraídas do *corpus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha. Tal amostragem recebe o nome de “Português oral” e desenvolveu-se no âmbito do Projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais”, do qual resultou um *corpus* de amostragens de variedades do português falado

em Portugal, no Brasil, nos países africanos de língua oficial portuguesa e em Macau. Os materiais publicados contêm ainda amostragens do português falado em Goa e em Timor-Leste, recolhidas posteriormente. Para este estudo, selecionaram-se as amostragens referentes às variedades que constituem língua oficial do país, ou seja, a brasileira, a portuguesa, as africanas (de São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique) e a timorense.¹

Este trabalho está dividido em três partes: (i) na primeira, observa-se e comprova-se, a partir da revisão bibliográfica de textos sobre o fenómeno a ser abordado, o estatuto da interjeição como ato expressivo; (ii) na segunda parte, caracterizam-se as emoções transmitidas pelas interjeições encontradas no material de análise; (iii) em seguida, na terceira parte, passa-se a caracterizar a posição do ato expressivo dentro do Move para, então, (iv) na quarta parte, chegar a uma conclusão.

02. O estatuto de ato expressivo da interjeição

Cunha & Cintra (2005) caracterizam a interjeição como “uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções” (p. 591). Como se pode observar, a abordagem tradicional foca na questão de que as interjeições estão associadas a um estado emocional, isto é, à transmissão, direta e clara, de uma emoção ou de um sentimento. Tal característica relaciona-se à afirmação de Hengeveld & Mackenzie (2008) de que os atos expressivos dão uma expressão direta do sentimento de F sem um propósito comunicativo: F, ao utilizar-se de tal categoria, deseja prioritariamente realçar sua emoção em vez de comunicar a D alguma informação.

Segundo consta em Gasparini-Bastos (2005), alguns estudos tendem a englobar em uma mesma classificação interjeições e marcadores discursivos, elementos que, segundo Fraser (1990 *apud* GASPARINI-BASTOS, 2005), diferem significativamente:

Segundo o autor [Fraser], as interjeições apenas compartilham certas propriedades com os marcadores discursivos: são gramaticalmente periféricas e podem conter segmentos fonológicos que não aparecem em itens lexicais. Uma interjeição não é parte de uma sentença, mas uma expressão que codifica uma mensagem inteira envolvendo o estado emocional do falante (GASPARINI-BASTOS, 2005, p. 107).

¹ Os materiais foram obtidos no endereço http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php

Baseando-se no modelo teórico da GF proposta por Dik (1997a; 1997b), Gasparini-Bastos (2005) argumenta que as interjeições, dentro desse modelo teórico, encaixam-se como Constituintes Extraoracionais (doravante CEOs). Tais elementos linguísticos, segundo Dik (1997b), (i) podem preceder, interromper ou seguir a oração, (ii) são destacados da oração por mudanças na entoação (quando se trata de língua falada), (iii) não se submetem às regras gramaticais que operam dentro dos limites da oração, embora possam ser relacionados a ela por regras de correferência, paralelismo e antítese, e (iv) não são essenciais à estrutura interna da oração, podendo ser retirados sem que deixe de ser gramatical.

Dik (1997b) classifica os CEOs levando em conta a posição que ocupam na oração e a função que exercem. A depender da posição, os CEOs podem ser i) absolutos ou livres, ii) pré-oracionais, iii) internos ou parentéticos e iv) pós-oracionais². Já quanto à função, podem ser de i) gerenciamento da interação, ii) especificação de atitude, iii) organização do discurso e iv) realização do discurso. Essa última classificação, como observa o próprio Dik (1997b), esbarra-se na questão da multifuncionalidade dos elementos já que muitos desses elementos, a depender do contexto, podem funcionar de diferentes maneiras.

No estudo de Gasparini-Bastos (2005), as interjeições são caracterizadas como *CEOs de especificação de atitude* por simbolizar o estado emocional do falante. Tal exteriorização ou simbolização do estado emocional de F por meio da interjeição também é constatada por Cavalieri (2004) numa discussão a respeito dos limites da descrição gramatical. Nessa discussão, o autor coloca que as interjeições devem ser pensadas em dois planos distintos: o da descrição gramatical e o da descrição semântico-argumentativa. Segundo o autor, a descrição gramatical preocupa-se em reduzir a descrição das interjeições de uma língua à tipologia tradicionalmente oferecida pelos gramáticos (pura ou própria, impura ou imprópria, etc.), enquanto a descrição semântico-argumentativa confere maior possibilidade de entendimento dos usos da interjeição no discurso.

Cavalieri (2004) chega a essa conclusão após analisar, à luz da semântica argumentativa, algumas interjeições. Para este autor, o uso da interjeição vai além da simples exteriorização de uma emoção, o seu uso também explicita um valor discursivo,

² Mais considerações a respeito da ordem das interjeições/atos expressivos encontram-se na seção 04.

“capaz de expressar efeitos semânticos bastantes nítidos no ato de fala” (CAVALIERI, 2004, p. 2002), desempenhando, além disso, um relevante papel argumentativo. Para comprovar tais fatos, o autor cita três usos discursivos e argumentativos das interjeições (cf. CAVALIERI, 2004, p. 202-203)):

- (i) a interjeição pode ser usada como um liame argumentativo entre uma pressuposição e um fato atual, expresso pelo conteúdo posto no discurso (quando nos deparamos, por exemplo, num jornal, com uma manchete do tipo “Enterro de cantor será hoje às 15 horas” e, havendo uma pressuposição de que algum cantor morreu, demonstramos surpresa por meio de uma interjeição;
- (ii) a interjeição, também, pode ser usada como “palavra-tampão”, uma vez que, durante a formulação de um discurso, o falante necessita preencher linguisticamente ou verbalmente um tempo necessário para que reestruture seu discurso e formule seu novo turno;
- (iii) a interjeição pode assumir, por fim, um valor argumentativo, principalmente quando assume o traço semântico de oposição, estabelecendo vínculos entre duas situações antagônicas do discurso: a previsível e a imprevisível (para comprovar tal fato, o autor cria uma situação em que o marido, deixando o lar, diz à esposa que viajará para uma cidade distante e, horas depois, reaparece de repente em casa e a esposa, então, diz “Ué! Você aqui?”; para Cavaliere (2004), essa interjeição, além de expressar uma surpresa, um estado emocional do falante, promove um enlace argumentativo de oposição entre uma informação previsível (a de que o marido estaria fora) e uma imprevisível (a de o marido estar em casa)).

Como já se afirmou acima, Cavaliere (2004) parte de princípios e conceitos da semântica argumentativa para, então, traçar sua análise das interjeições. A abordagem da GDF se distancia da visão do autor uma vez que concebe a semântica a partir de dois diferentes sentidos (cf. HENGEVELD & MACKENZIE, 2008; PEZATTI, 2009): (i) tomando o sentido similar à função representacional de Bühler ou ideacional de Halliday, restringe-se ao modo como a língua se relaciona com o mundo real ou imaginário que ela descreve e, num outro sentido, (ii) restringe-se aos significados de unidades lexicais (semântica lexical) e unidades complexas (semântica composicional). Portanto, a partir dessa definição de semântica apresentada na GDF, vemos que a interjeição, por não descrever uma entidade em termos da categoria semântica que ela representa (como Conteúdo proposicional, Estado de coisas, Locação, Tempo, etc.), não apresenta um conteúdo semântico (ou proposicional) e, portanto, também não apresenta uma representação no Nível Representacional da GDF.

Neste trabalho, tomamos as emoções transmitidas pelas interjeições como parte do componente pragmático da língua, e, assim, determinadas no Nível Interpessoal da GDF, nível em que o falante seleciona uma ilocução expressiva e uma emoção apropriada a sua intenção durante a formulação do ato expressivo. Por outro lado, tocando na questão de características morfossintáticas das interjeições, podemos recorrer às discussões de Gonçalves (2002) e Marcuschi (2007) para afirmar que tais elementos linguísticos (i) não se submetem ao sistema flexional da língua, (ii) são signos linguísticos arbitrários que se tornam convencionais mediante seu uso intencional e (iii) não obedecem ao princípio da dupla articulação, uma vez que só se articulam fonologicamente e não morfologicamente e/ou sintaticamente. Conclui-se, assim, que as interjeições não apresentam, também, uma representação no Nível Morfossintático. Desta forma, a partir do nível Interpessoal, a interjeição é enviada diretamente para o nível Fonológico, passando pela codificação fonológica e recebendo seu construto fonológico, conforme se demonstra na figura 01.

Concluimos, assim, junto a Hengeveld & Mackenzie (2008), que, da classe de interjeições da língua, surgem os Atos expressivos, os quais exprimem o sentimento do falante sem um propósito comunicativo. Tais atos, portanto, (i) são autodirecionados, já que não apresentam um Destinatário (D) nem um Conteúdo Comunicado (CC), (ii) são invariáveis e, por não apresentarem conteúdo semântico, (iii) não são representados no nível Representacional e nem no Morfossintático, mas são enviados diretamente do nível Interpessoal para o nível Fonológico. Como exemplo, toma-se a interjeição em (01), que expressa, no Português Brasileiro, um sentimento de surpresa do falante:

- (01) L1: não come menos que dois, três [ovos], o garoto
L2: **poxa**, é muito ovo, heim?

Uma possível representação desse ato, segundo a proposta da GDF, seria:

- (02) A_I: [F₁: *poxa* (F₁)] (P₁)_s] (A_I)

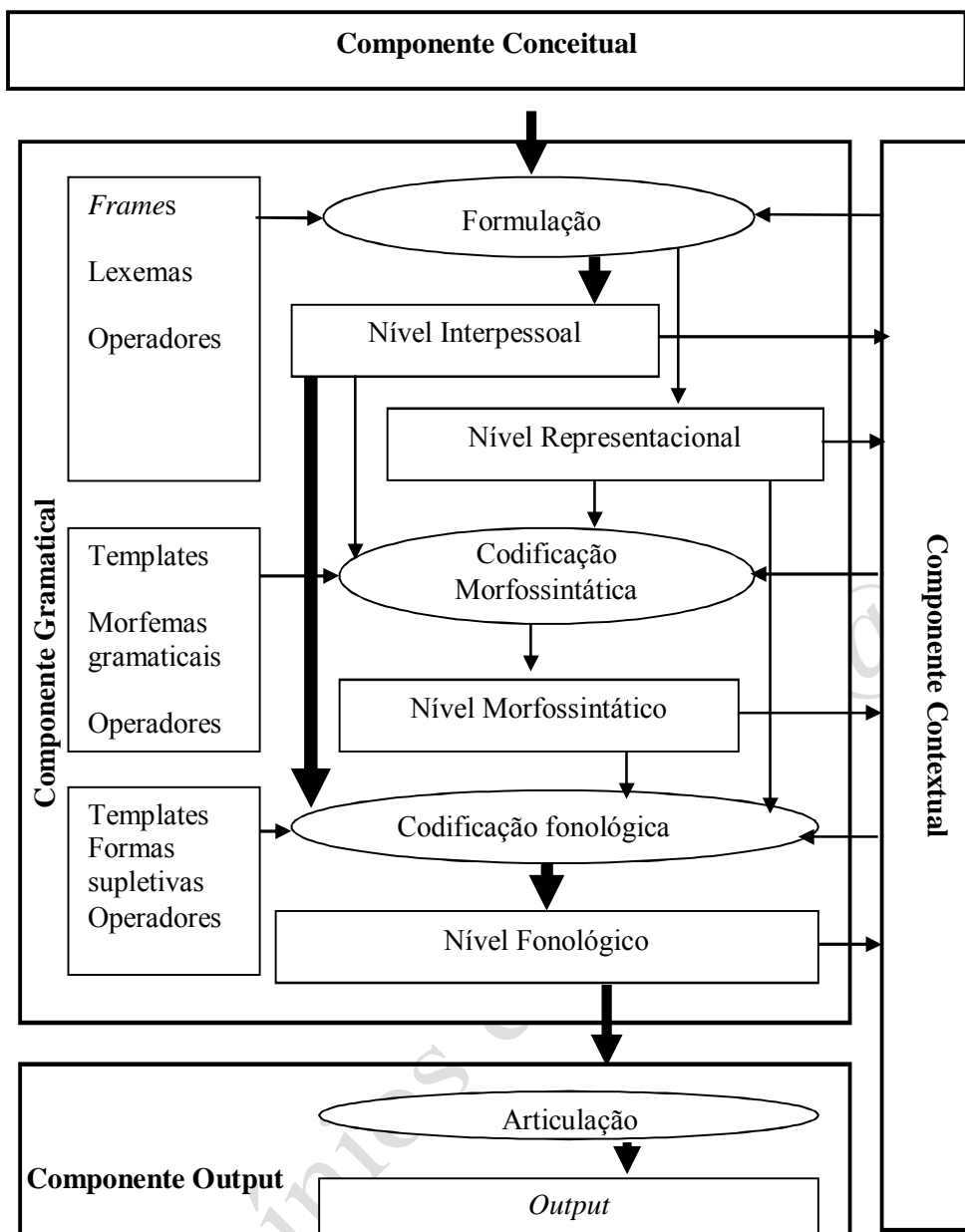


Figura 01: Percurso dos atos expressivos dentro da GDF

03. Emoções básicas dos atos expressivos

Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), com base em Ekman *et al* (1972 *apud* HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 76), há, regularmente, seis emoções expressas pelos atos expressivos: *raiva*, *repulsa*, *medo*, *alegria*, *tristeza* e *surpresa*. No *corpus* analisado, podemos encontrar praticamente todas as emoções listadas por Ekman *et al* (1972), com exceção da emoção *Repulsa*. Nos exemplos abaixo, podemos

encontrar alguns dados linguísticos de cada emoção encontrada nas variedades lusófonas:

a) Raiva

(03) - sabe, eu brinco de lutar com meu, com meu filho, **caramba!** meu pai nunca me permitiu. agora, ah, sabe, eh, sei lá! essa geração de hoje em dia está meio estranha. (Bras80: CriarFilhos)

b) Medo

(04) -> é, é, a mim não saíu não, que eu, eu, eu tratava a minha mãe - **ai meu Deus** - se a minha mãe me ch[...], quando a minha mãe me cha[...], chamava "ó dona Adília" eu já não sabia de, "que virá por aí?" e nunca a tratei por tu, nunca na vida. (PT95: JuventudeOntemHoje)

c) Alegria

(05) quando já estava exactamente para vir embora, comecei a ver um grande bando de patos. e comecei a ver que se estavam a querer fazer exactamente aquela albufeira onde eu estava. e disse "**epa**", fiquei logo todo entusiasmado, procurei esconder-me e colocar-me... num sítio onde lhes pudesse chegar. (PT97: BoaPontaria)

d) Tristeza

(06) às tantas eles realmente lá vieram e eu derrubei um ou dois patos. só que um apanhei-o, só que o outro caiu dentro de água. "**ora** que grande azar" [...] mas isto dos caçadores, quando deixam a caça entrar [...] não gostam de a perder, de maneira nenhuma (PT97: BoaPontaria)

e) Surpresa

(07) -> não. Eh, e temos um, segundo Orlando Ribeiro, já f[...], aconteceram cerca de... - menos esta erupção... da actualidade - já aconteceram vinte e um, vinte e uma erupção.
- **uí**, muito! (CV95: IlhaFogo)

Em (03), após descrever sua relação com o filho, F contrapõe como era sua relação com seu pai e, ao traçar tal contraponto, F indica, por meio do ato expressivo "caramba", um sentimento de raiva. Neste exemplo, podemos observar como a interjeição adquire o traço semântico-argumentativo de oposição, como Cavalieri (2004) colocou em seu estudo. Ao contrabalancear as duas situações, além de exprimir a raiva, F opõe as duas situações, numa estratégia argumentativa de desenvolvimento de seu discurso. Algo análogo acontece em (08) abaixo, exemplo que, consistindo na reprodução da fala de outro, mostra uma expressão de raiva em relação a uma situação

contextual (o pai estar fumando), a qual, por sua vez, vem expressa pelo ato “essa fumaça”, um ato subsidiário com função retórica de Motivação.

(08) Se e[...], se ele está aqui do meu lado, eu estou fumando: "**pô**, pai! essa fumaça!"
(Bras80: CriarFilhos)

Já em (04), o ato expressivo “ai Meu Deus” transmite o sentimento de medo de F ao relembrar o estado de sua mãe ao lhe chamar por um determinado nome. Em (05), a função emotiva de alegria é reforçada quando o próprio falante afirma “fiquei logo todo entusiasmado”. Já em (06), o “ora”, fazendo parte da reprodução de uma fala dita em momento anterior à produção do discurso, contrapõe a situação da perda de uma caça à avaliação desta situação, que seria um grande azar. Este contraponto vem mediado por um sentimento de tristeza, já que podemos inferir que para F a perda da caça é um fato triste.

Por fim, o exemplo (07) apresenta um ato expressivo “ui” que, junto a um ato declarativo “muito”, transmite um estado emocional de surpresa de F em relação à informação nova introduzida pelo interlocutor em sua (de F) informação pragmática, ou seja, a informação da quantidade de erupções que ocorreram. Com base nesses exemplos, observamos como as interjeições, ao se revestirem como atos expressivos, não estão a serviço da transmissão de uma informação, mas, ao contrário, estão a serviço de uma exteriorização de um estado emocional.

Nesses exemplos, observamos que, dentro do discurso, ou do *Move*, há transmissão de informações novas, como avaliações de F ou algumas narrações de fatos; entretanto, essa transmissão de informações está vinculada ao Ato Declarativo com que se relaciona o Ato Expressivo: quando o Ato Expressivo tem como suporte um Ato Declarativo, este transmite uma informação nova a D, enquanto aquele expressa algum sentimento de F em relação ao conteúdo do Ato suporte.

04. Ordenação de atos expressivos nas variedades lusófonas

Um estudo sobre interjeições, ou melhor, sobre os Atos Expressivos e sobre sua ordenação no desenrolar discursivo guiado pelo aparato teórico-metodológico da GDF deterá sua atenção nos aspectos pertencentes ao Nível Interpessoal e, mais especificamente, às camadas do *Move* e do *Ato discursivo*. Isso se explica à medida que, como argumentado acima, os Atos Expressivos não apresentam conteúdo semântico,

expressão morfossintática e Conteúdo Comunicado, apresentando somente uma Ilocução e a posição de F.

O Nível Interpessoal trata dos aspectos formais que refletem o papel de uma unidade linguística dentro da interação. Na interação, cada participante tem um objetivo em mente e é esse objetivo que determina as estratégias adotadas por F na obtenção de um propósito comunicativo em relação a D. Nesse percurso interacional, o alcance dos objetivos de F envolverá o dispêndio de energia que resulta numa série de ações governadas por uma estratégia global, a qual considera os propósitos e as intenções de D. As propriedades interacionais que convergem das estratégias propositais de F são estudadas pelas disciplinas da *retórica* e da *pragmática* (cf. HENGEVELD & MACKENZIE, 2008; PEZATTI, 2009).

A retórica se fundamenta no modo como os componentes de um discurso são estruturados para atingir a estratégia comunicativa de F e nas propriedades formais de enunciados que influenciam D a aceitar os propósitos de F. É assim que alguns aspectos das unidades linguísticas que refletem a estruturação global do discurso são considerados, dentro da GDF, como *funções retóricas*. Já a pragmática lida com o modo pelo qual F sinaliza as suas expectativas em relação ao estado mental de D, o que gera, na GDF, as *funções pragmáticas* (cf. HENGEVELD & MACKENZIE, 2008; PEZATTI, 2009).

A camada mais alta dentro da hierarquia do Nível Interpessoal é o *Move* (M), que pode conter um ou mais *Atos discursivos* (A). Um Ato é organizado levando em conta uma *Força ilocucionária* (F) que combina o ato de fala dos participantes (F e D) e o *Conteúdo Comunicado* (C) evocado por F. O Conteúdo Comunicado pode conter *Subatos de Atribuição* (T) e de *Referência* (R). Em (09), encontra-se a estrutura hierárquica do Nível Interpessoal:

(09) (M₁: [(A₁: [(F₁) (P₁)_F (P₂)_D (C₁: [(T₁)_{Φ}; (T_{1+N})_{Φ}; (R₁)_{Φ}; (C₁)_{Φ}]) (A₁)... (A_{1+N})_{Φ}]) (M₁))

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), um *Move* pode ser definido como uma contribuição autônoma para o avanço da interação. Além disso, o que é característico do *Move* é o fato de ele configurar uma reação, já que tem um efeito perlocucionário. Enquanto o ato pode provocar uma conversação (*backchannel*), ou seja, uma resposta que encoraje F a continuar a interação, somente o *Move* pode

provocar uma reação por parte do interlocutor. O Move, desta forma, associa-se a uma ação dentro da interação.

O núcleo de um Move pode ser um Ato discursivo, como acontece em (10), exemplo em que os moves de L₂ constituem-se apenas de um único ato, ou mais de um Ato, como acontece em (11) e (12). Quando um Move se constitui de mais de um Ato, a relação entre os Atos pode ser de equipolência ou de dependência. A relação de equipolência acontece quando F dá aos Atos discursivos envolvidos o mesmo estatuto comunicativo, como em (11). Já quando entre os dois Atos há uma relação de dependência, F estabelece uma desigualdade entre o estatuto comunicativo de cada Ato: tem-se, assim, um Ato nuclear e um Ato subsidiário, ao qual se atribuirá uma função retórica (cf. (12)).

(10) L₁: e você lembra alguma festa na escola?

L₂: **esse ano?**

L₁: que aconteceu assim de bom?

L₂: **lembro sim.** (Bras93: FestaEstudante)

(11) L₁: vocês nunca entraram lá?

L₂: [**a gente entra**], [**a gente faz aposta, sabe, de passar tempo lá, etc., etc.**]

(Bras80: Fazenda)

(12) **o macarrão**, eu faço com bastante carne (Bras80: Macarronada)

No exemplo (11), retirado do *corpus*, o Move de iniciação de L₁ provoca um Move de reação de L₂ que consiste de dois atos, ambos com o mesmo contorno entoacional e com o mesmo estatuto comunicativo, o que configura uma relação de equipolência. Já em (12), exemplificativo de uma relação de dependência, o Ato negrito corresponde a um Ato subsidiário que carrega a função retórica de Orientação, já que ele está introduzindo um referente no discurso que é relevante para o desenvolvimento de sua conversação. As funções retóricas podem ser: Motivação, Concessão, Orientação, Correção e *Aside*. É partindo dessas proposições que se pretende caracterizar o estatuto comunicativo do Ato expressivo, as relações que se estabelecem entre esse Ato e os demais Atos que compõe o Move, as funções retóricas estabelecidas e, por fim, a sua ordenação.

Como procedimentos metodológicos, e com base no material de análise descrito acima, levantaram-se um total de 27 ocorrências de Atos Expressivos, sendo os mais comuns: *poxa!*, *ora!*, *ué!*, *nossa!* e *caramba!*. Tais atos foram observados quanto a seu

estatuto (cujas considerações se encontram na seção 02), quanto a sua natureza emotiva (cujas considerações estão dispostas na seção 03) e quanto a sua ordenação. Para caracterizar, então, o estatuto e a ordem do Ato Expressivo sob análise, procurou-se, primeiramente, evidenciar se a relação entre o Ato expressivo e o Ato de conteúdo com que se relaciona era de dependência ou de equipolência; caso se tratasse de uma relação de dependência, observou-se qual dos atos tinha o estatuto de nuclear e qual tinha o estatuto de subsidiário, verificando qual função retórica é atribuída a esse ato.

Na visão de Dik (1997b), como colocado acima, as interjeições constituem CEOs de especificação de atitude e, portanto, podem ocupar as seguintes posições: i) absolutos ou livres, ii) pré-oracionais, iii) internos ou parentéticos e iv) pós-oracionais. A GF toma como ponto de análise a oração, enquanto a GDF toma como unidade básica de análise os Atos discursivos. Observa-se, nessa passagem de um modelo para o outro, uma expansão da análise gramatical da sentença para o discurso. Ao tomar, então, a interjeição como objeto de análise gramatical, deve-se reestruturar alguns pontos das considerações de Dik (1997b) a respeito da posição de tal estrutura linguística.

Primeiramente, deve-se considerar que o Ato expressivo pode (i) constituir, sozinho, um Move (cf. (13)) ou (ii) integrar, junto a outros Atos, o Move (cf. (14)). Quando o Ato expressivo integra, sozinho, um Move, tem-se o que Dik (1997) chamou de CEO absoluto; já quando o Ato expressivo constitui, junto a outros Atos, o Move, ele sempre se relacionará com um Ato de conteúdo, podendo ser posicionado antes (cf. (14a)) ou depois (cf. (14b)) desse Ato de conteúdo.

(13) L₁: aí, peguei eu, ele, as mulher, as criança, não é, vá, aí, fomos ali, sentámos ali no, no bar da Toninha, ali, do lado da Estácio de Sá, faculdade. pedi uma lasanha para mim e uma lasanha para ele. ele, com sete anos, comeu a lasanha que eu, com trinta e dois, como.

L₂: **pô!**

L₃: **noossa!** (Bras80: CriarFilhos)

(14a) L₁: não. eh, e temos um, segundo Orlando Ribeiro, já f[...], aconteceram cerca de... - menos esta erupção... da actualidade - já aconteceram vinte e um, vinte e uma erupção.

L₂: **ui**, muito! (CV95: IlhaFogo)

(14b) L₁: e a minha nora reclamam da vida que, às vezes, os, os meninos, eh, chegam atrasados, chegam tarde, essas coisas, eu digo "minha filha, vocês não devem reclamar, não. vocês levam até uma vida muito melhor que eu levei", **poxa!** (Bras80: NadaCiumenta)

Em (14a), nota-se que a emoção de surpresa expressa pelo Ato expressivo *ui* está relacionada com o Ato declarativo que o acompanha *muito*, entendendo por “relação” o fato de a emoção do Ato expressivo ter como suporte a declaração do Ato de conteúdo. Da mesma forma, em (14b), o Ato expressivo *poxa* transmite uma emoção de raiva que toma como suporte o conteúdo do Ato declarativo que o antecede.

Por sua vez, em (13), os Atos expressivos correspondem a Moves de reação, já que expressam uma espécie de reação sentimental de F em relação ao que D diz anteriormente. Assim, pode-se concluir que o Ato expressivo proferido, sozinho, por F no turno constituirá um *Move de reação*, como também se atesta em (15):

(15) L₁: três é dose mesmo, cara! dois, eu já me vejo doidinho, aí! Esse moleque almoça duas, três vezes por dia. você acredita isso?

L₂: **nossa!** (Bras80: CriarFilhos)

Já nos exemplos (16) e (17) abaixo, os Atos expressivos, antepondo ou pospondo um ato de conteúdo, iniciam (cf. (16a) e (16b)) ou finalizam³ (cf. (17)) o Move a que pertencem.

(16a) L₁: pois. exacto. e isso durou três anos?!

L₂: durou três anos.

L₁: **fogo!** essas coisas são complicadas. (PT97:MalDesconhecido)

(16b) L₁: aquelas coisas de pau que se assentá[...], que, onde assentam na, as linhas, eu, a[...], eu acartei muito disso. à noite, quando foi à ceia, digo assim "ó tio Afonso, **carambas**, hoje, hoje é que vi uma cabra, tão linda, lá em cima, no, no atalho do cemitério de Vilela". e diz ele "era uma tal cabra!". "então, e então ela berrava, ti[...], tinha os chifres como uma cabra, e tudo, aí, ah, ainda me pregou uma turra" "e não tremeste? foi, foi o que, o que te valeu". pronto! era o diabo, sei lá. sei lá se era o diabo. bem, quando venho para cima estava tudo de pé na mesma. não, não caiu nada abaixo. (PT95:Bruxedos)

(17) L₁: e a minha nora reclamam da vida que, às vezes, os, os meninos, eh, chegam atrasados, chegam tarde, essas coisas, eu digo "minha filha, vocês não devem reclamar, não. vocês levam até uma vida muito melhor que eu levei", **poxa!** (Bras80: NadaCiumenta)

³ No *corpus*, houve apenas um único caso de posposição do ato expressivo, entretanto, tal fato não prejudica totalmente a análise uma vez que, do ponto de vista funcionalista, um dado diferente dos demais é suficiente para indicar que algo não se encaixa na regularidade encontrada. Por outro lado, assume-se que uma análise calcada em apenas um único dado não é conclusiva e não elenca todos os aspectos condicionantes desse fato. Assim, as considerações sobre a ordem posposta do ato expressivo em relação ao ato de conteúdo que o acompanha poderão ser tomadas como “reflexões iniciais” acerca de tal fenômeno. Vale ressaltar que Marcuschi (2007) afirma ser a ordem canônica da interjeição a posição inicial, já que a frequência de ocorrência em contextos de posição medial ou final foi muito baixa, o que justifica as colocações dispostas acima a respeito da posposição do ato expressivo.

O exemplo (17), relativo à posposição do Ato expressivo em relação ao Ato de conteúdo com que se relaciona, sugere que, em termos de estatuto comunicativo, há uma relação de equipolência entre os dois Atos, quer dizer, F dá o mesmo estatuto comunicativo para ambos os Atos, não criando uma relação de dependência. Nesse contexto, após expor todo um fato, F encerra seu Move com uma espécie de avaliação, ou seja, após relatar e evidenciar todo um evento, ele transmite sua emoção suscitada pela narração por meio de um Ato expressivo que finaliza o Move.

Os Atos expressivos em (16a) e (16b), por sua vez, iniciam um Move, porém, em (16a), o Ato expressivo está localizado logo no início do turno, nos termos da linguística textual, enquanto em (16b) o Ato expressivo é localizado ao longo do turno. É este dado que faz com que se reorganize a proposta de Dik (1997) a respeito da ordem dos CEOs: para o autor, a interjeição “carambas” seria parentética, enquanto, na perspectiva deste trabalho, ela é inicial, ou melhor, inicia o Move antepondo-se ao Ato de conteúdo que acompanha.

Hengeveld e Mackenzie (2008), ao definirem o Move, sugerem que esse pode corresponder ao turno de F, como acontece em (16a): um turno composto do Ato expressivo *fogo* e do Ato de conteúdo integrando um único Move. Entretanto, os próprios autores esclarecem que esta correspondência entre turnos e Moves pode não ser exata e é o que acontece em (16b): há um único turno composto de vários moves.

(16b') L₁: [aquelas coisas de pau que se assentá[...], que, onde assentam na, as linhas, eu, a[...], eu acartei muito disso. à noite, quando foi à ceia, digo assim] M₁ ["ó tio Afonso, **carambas**, hoje, hoje é que vi uma cabra, tão linda, lá em cima, no, no atalho do cemitério de Vilela"] M₂. [e diz ele "era uma tal cabra!"] M₃. ["então, e então ela berrava, ti[...], tinha os chifres como uma cabra, e tudo, aí, ah, ainda me pregou uma turra"] M₄ ["e não tremeste? foi, foi o que, o que te valeu"] M₅. [pronto! era o diabo, sei lá. sei lá se era o diabo. bem, quando venho para cima estava tudo de pé na mesma. não, não caiu nada abaixo] M₆. (PT95:Bruxedos)

Portanto, os Atos expressivos, quando antecedem o Ato de conteúdo, têm a propriedade de iniciar um novo Move dentro da interação. Quando iniciam um turno, como em (16a), integram um Move de reação a um (i) Ato declarativo (cf. (18)) ou a um (ii) Ato interrogativo (cf. (19)) anteriormente proferido por D.

(18) L₁: ele só come dois, três,
L₂: sei.
L₁: não come menos que dois, três, o garoto

L₂: **poxa**, é muito ovo, heim? (Bras80: Macarronada)

(19) L₁: e, assim, o senhor sabe que nortista fala carregado, não é,

L₂: fala.

L₁: que é que o senhor acha disso? da fala deles?

L₂: **ué!** cada um fala da maneira de aonde nasceu, do seu estado, certo,
(Bras80: ComerFalarBem)

Quando o Ato expressivo é produzido como iniciador de uma reação ao Ato declarativo de L₁ (cf. (18)), esse, produzido anteriormente, contém um tipo de relato, uma informação importante para o desenvolvimento da conversação. Essa reação de F é geralmente carregada de um valor subjetivo, traduzido por meio do Ato expressivo. Observando tais características envolvidas na conversação, nota-se que o Ato expressivo tem um estatuto comunicativo maior do que o Ato de conteúdo: a reação de F é mais sentimental do que informativa, ou seja, a reação emotiva de F (expressa por meio do ato expressivo) é mais “saliente” do que a parte informativa (expressa pelo ato de conteúdo); estabelece-se então uma *relação de dependência*, no Nível Interpessoal, entre os Atos, sendo o Ato expressivo o nuclear e o Ato de conteúdo o subsidiário com a função retórica de motivação, que é refletida na ordenação posposta desse Ato em relação ao Ato nuclear.

Já quando o ato expressivo configura uma reação a um ato interrogativo, ou seja, a um questionamento levantado por L₁, o ato interrogativo solicita uma posição de F em relação a um fato (cf. (19)) ou solicita alguma informação nova (cf. (20)).

(20) L₁: pois é. então como é que se fazia o pão, senhora Maria?

L₂: **ora** fazia-se o pão; quando era de trigo da terra, peneirava-se a farinha duas vezes e ao depois é que se deitava dentro da vasilha. era um [...], podia ser uma vasilha de pau e podia ser uma vasilha de barro e agora praticamente é nestas, eh, banheiras plásticas. tenho a minha banheira que é mesmo só daquele... serviço. (PT94: AmassarCozer)

Em (19) e em (20), o informante é instigado pelo entrevistador, respectivamente, a posicionar-se em relação ao modo de falar e a apresentar uma informação que falta na informação pragmática do entrevistador. O informante, ao expressar sua opinião ou ao dar a informação requerida, carrega-a de um sentimento de espanto ou de certa irritação em relação à pergunta, o que o faz iniciar seu move com o ato expressivo “ué” e “ora”. Desta forma, o que se torna mais importante nesse par pergunta-resposta não é somente a opinião ou a informação do informante, mas também sua reação emotiva, sentimental, em relação à pergunta produzida pelo entrevistador, o que gera uma *relação de*

equipolência entre os Atos. A anteposição do Ato expressivo em relação ao Ato de conteúdo é justificada à medida que a reação do entrevistado é imediata em relação à pergunta, ou melhor, a interrogativa produz no entrevistado uma reação emotiva que faz com que primeiro se inicie o Move de reação pelo Ato expressivo.

Por fim, quando o Ato expressivo é produzido ao longo do turno, porém ainda iniciando um novo Move, está-se diante de contextos em que o falante promove uma espécie de digressão (cf. (21)) ou de reprodução de sua própria fala, dita em período de tempo anterior ao momento de enunciação (cf. (22)), ou de uma outra pessoa (cf. (23)). Nesses casos, têm-se situações como a de (18) acima: dentro do Move, há uma relação de dependência entre o Ato expressivo e o Ato de conteúdo que acompanha e, então, o Ato expressivo configura-se como o Ato nuclear, enquanto o Ato de conteúdo configura-se como o Ato subsidiário carregando a função retórica Motivação.

(21) L₁: m[...], mas, por outro lado, eu acho que eu aproveitei muita coisa de conhecer uma outra realidade, então eu, quando eu cheguei aqui, eu cheguei com uma cabeça diferente no sentido de, primeiro, e quando você está dentro da universidade você não consegue ver as coisas bonitas daqui, você j[...], consegue ver é quando você está num ou[...], numa outra onde você, eh, **poxa**, a USP é tão bonita assim em termos de, geográficos mesmos, está, você vê em termos de população, como essas pessoas vivem, o que elas esperam, a própria recepção que elas têm com você, (Bras80: SurpresasFotografias)

(21a) Move: [**poxa**]A₁, [a USP é tão bonita assim em termos de, geográficos mesmos]A₂

(22) L₁: eu acho isso daí muito bom porque senão vira bagunça, a gente assim... fica chateado quando acontece com a gente. fala "**poxa!** eu trabalhei até agora, saí um pouquinho mais atrasado, chego aqui está fechado." mas tem que ter isso daí. a gente tem que ter consciência que tem, senão vira bagunça.

(22a) Move: "[**poxa!**]A₁ [eu trabalhei até agora, saí um pouquinho mais atrasado, chego aqui está fechado] A₂."

(23) L₁: Se e[...], se ele está aqui do meu lado, eu estou fumando: "**pô**, pai! essa fumaça!" (Bras80: CriarFilhos)

(23a) Move: "[**pô**] A₁, [pai!] A₂ [essa fumaça!] A₃"

05. Considerações finais

Ao tomar como objeto de estudo o uso da interjeição enquanto um requisito pragmático da linguagem, observou-se que tal item linguístico constitui, dentro do aparo teórico da GDF, Atos Expressivos. Para tanto, tomaram-se como bases algumas de suas características: (i) o fato de expressar prioritariamente uma emoção ou um sentimento, deixando de veicular qualquer informação que se dirija de F a D; (ii) derivado dessa característica anterior, a interjeição, então, não apresenta a posição de D preenchida e nem apresenta um conteúdo semântico, já que as emoções por ela exteriorizadas são vistas, dentro da GDF, como um aspecto pragmático de sua constituição; (iii) assim, junto ao fato de serem itens invariáveis, percebemos que não apresentam, também, uma estrutura morfossintática. Desta forma, as interjeições figuram-se como atos expressivos à medida que (i) possuem a posição de F preenchida e (ii) apresentam uma ilocução expressiva.

A partir de tal estatuto, podem-se elencar as emoções básicas dos atos expressivos e explicar sua flexível ordenação a partir de fatores de ordem pragmáticos. Observou-se, então, que tais Atos podem, sozinhos ou juntos a outros Atos, integrar um Move, uma ação que dá continuidade à interação. Quando sozinho, o Ato expressivo configura um Move de Reação a uma informação anteriormente expressa por D e, quando se relaciona a um Ato de conteúdo, pode estar numa relação de equipolência ou de dependência com os outros atos. Por meio da relação de dependência, F dá maior estatuto informativo ao Ato expressivo, que se configura como ato nuclear, do que ao Ato de conteúdo, que se configura, por sua vez, como Ato subsidiário com função retórica de Motivação. Já por meio da relação de equipolência, o falante dá o mesmo estatuto comunicativo a ambos os Atos (expressivo e de conteúdo), iniciando um Move que carrega nova informação ou encerrado um Move por meio de uma avaliação sentimental. A ordenação do Ato expressivo em contextos de relação de equipolência associa-se ao fato de, quando anteposto, a reação emotiva do falante é suscitada de imediato pelo questionamento, pela colocação, do destinatário, enquanto, quando posposta, o desenrolar narrativo do discurso do próprio falante é que suscita um sentimento de forma a encerrar o Move.

06. Referências Bibliográficas

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

CAVALIERI, R. A interjeição à luz da semântica argumentativa. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, n. 27/28, p. 199-207, 2004.

GASPARINI-BASTOS, S. D. Os constituintes extrafrasais na gramática funcional de Simon Dik. *Alfa – Revista de Linguística*. São Paulo, v. 49, n. 01, p. 103-121, 2005.

GONÇALVES, M. *A interjeição em português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

HENGEVELD, K. & MACKENZIE, J. L.. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Notas sobre a interjeição. In: _____. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.133-145.

PEZATTI, E. G. A ordenação de modificadores adverbiais do nível representacional no português europeu. *Linguística*. Madrid, vol. 21, p. 61-86, 2009.

07. Agradecimentos

Gostaria de agradecer à orientação cuidadosa e à leitura crítica dispensadas pela Profa. Dra. Erolde Goreti Pezatti que muito contribuíram com minhas reflexões. Aos pareceristas, meu sincero agradecimento pelos comentários e sugestões. Esclareço que qualquer problema persistente é de minha inteira responsabilidade.